

Por que retomar François Guizot

Terezinha Oliveira

Departamento de Fundamentos da Educação, Universidade Estadual de Maringá,
Av. Colombo, 5790, 87020-900, Maringá-Paraná, Brasil.

RESUMO. Este artigo mostra o sentido de se recuperar um autor expressivo da historiografia francesa da primeira metade do século XIX, François Guizot. Na verdade, o propósito maior do texto é evidenciar que a historiografia contemporânea abandonou a lição fundamental de história e de vida desse autor, que é a sua interpretação universal dos acontecimentos humanos, por conseguinte sua idéia de civilização.

Palavras-chave: civilização, historiografia, luta política.

ABSTRACT. Rediscovering François Guizot. Reasons are provided for the rediscovery of François Guizot, an expressive author of French historiography of the first half of the nineteenth century. The principal aim of this study is to show that contemporary historiography abandoned the fundamental lesson of history and life taught by Guizot, or rather, his universal interpretation of human events and, consequently, his idea of civilization.

Key words: civilization, historiography, political struggle.

François Guizot foi um participante privilegiado da história. Viveu e vivenciou um dos períodos mais fundamentais da história, não apenas da França, mas de uma história que teve amplitude mundial. Presenciou a derrota de Napoleão em 1814, sua volta e posterior derrota em 1815. Desenvolveu intensa atividade política e científica durante a *Restauração*, momento decisivo para a consolidação da sociedade burguesa. Participou diretamente da Revolução de 1830, que deu início à Monarquia de Julho. Contemporâneo da Revolução Industrial, presenciou seus efeitos sociais e políticos. Assistiu, assim, às primeiras manifestações operárias na década de 1830. Estava no governo quando da revolução operária de 1848. Viu, portanto, o nascimento das primeiras doutrinas socialistas e comunistas da época contemporânea. Acompanhou o golpe de Estado perpetrado por Luís Bonaparte. Viveu, enfim, um dos momentos de grandes transformações por que passou o mundo.

Guizot soube transportar para a ciência da história essa riqueza da sua época, constituindo-se um dos historiadores mais importantes de todos os tempos. Entretanto, cada vez mais Guizot torna-se um ilustre desconhecido, a ponto de as atuais gerações nada lerem de suas obras. Torna-se pois urgente uma retomada de seus trabalhos.

Acreditamos que diante das atuais tendências da historiografia ganha um sentido especial o estudo da

obra de François Guizot em nossos dias. Em nossa opinião, um dos principais motivos para se fazer isso, retomando sua concepção de história, é a tendência verificada atualmente para a fragmentação da história.

Essa tendência, com bastante pertinência criticada por François Dosse, que a chamou de *esmigalhamento da história*¹, constitui um movimento inverso ao daquele de que Guizot foi um dos representantes mais expressivos. De fato, podemos verificar nesse autor que as questões históricas, que são sempre questões humanas, são abordadas como questões gerais, vinculadas a uma concepção universal de civilização.

A situação mudou, e bastante, desde a época deste autor. Observava Taine que *alguns* historiadores haviam criticado Guizot pelo fato de este não ter tratado da alcova, não conhecer a cozinha e por ter falado dos indivíduos somente na

¹ "O reprimido torna-se o portador de sentido. Tudo se torna objeto de curiosidade para o historiador, que desloca seu olhar para as margens, para o avesso dos valores estabelecidos, para os loucos, para as feiticeiras, para os transgressores [...]. O horizonte do historiador fecha-se sobre um presente imóvel, não há mais futuro [...]. A crise da idéia de progresso acentuou o renascimento das culturas anteriores à industrialização. A Nova História se esconde, então, na busca das tradições, ao valorizar o tempo que se repete, as voltas e reviravoltas dos indivíduos. Na falta de um projeto coletivo essa pesquisa faz-se mais pessoal e mais local." Dosse, F. *A história em migalhas*. Dos "Annales" à "Nova História". São Paulo: Ensaio; Campinas/SP: UNICAMP, 1992, p. 168.

medida em que tiveram papel fundamental no desenvolvimento geral dos homens. Esses *alguns* transformaram-se em maioria nos dias de hoje. Predominam, hoje, na historiografia, temas não-vinculados às questões gerais da humanidade.

Mesmo quando os historiadores tratam da civilização, esse conceito foi de tal maneira relativizado, que Lucien Febvre constatou, em 1925, o surgimento da noção de civilização não-civilizada. Assim, um conceito que nasceu opondo-se à barbárie, indicando certo grau no desenvolvimento material e espiritual, na sociedade e no homem, deslizou-se para indicar “[...] o conjunto de caracteres que apresenta aos olhares de um observador a vida coletiva de um agrupamento humano.”² Não constitui, pois, surpresa o aparecimento de estudos sobre a civilização bárbara, que seria considerada uma contradição nos termos em épocas passadas.

A análise da história da França e a recuperação da Idade Média, questões caras aos historiadores da primeira metade do século XIX, feitas pela historiografia contemporânea, encontram-se em campo completamente diverso da concepção de história de Guizot. Este, ao contrário da historiografia recente, tratou a história de uma perspectiva universal. Não considerou os indivíduos, mas os homens em seu caráter social. Sob esse aspecto, não deixa de ser interessante perguntar por que hoje em dia tem-se retomado Michelet e não Guizot.

Além da questão da concepção universal da história, ou questão metodológica, como se preferir, há uma questão política de fundo que nos parece fundamental. Guizot é um autor que não suscita simpatias há algum tempo. Em momento algum, por exemplo, ele defendeu o fim das classes. Ao contrário, seu ponto de partida é a defesa da necessidade de uma classe dirigente que, no seu entender, por suas condições, conduziria os homens pelo caminho da civilização. Não ocorre o mesmo com Michelet. Se este não propôs o fim das classes, ao menos alinhou-se com o povo.

A preocupação não deve ser simplesmente recuperar Guizot. Trata-se, antes, de recuperar suas questões, seu método de interpretar a história. Assim, neste artigo, pretendemos trazer para o debate atual um historiador que tinha uma perspectiva abrangente, geral da história e considerava o progresso essencial para a felicidade dos homens. Por isso, apoiando-nos nele, pretendemos mostrar que devemos sempre lutar com as armas da história pelo desenvolvimento da civilização.

Além disso, cabe ressaltar que retomar esse autor é hoje por demais necessário, haja vista que, progressivamente, foi se tornando um ilustre desconhecido.³ Muito justamente notou Jean Schlumberger, no prefácio da publicação das cartas trocadas entre Guizot e a princesa de Lieven, que a impopularidade em que ele caiu após 1848 acabou por refluir sobre o conjunto de sua carreira. Com isso,

Tudo o que na sua atividade foi positivo e grande está empanado por este véu de pó que se acumula sobre as obras que a posteridade cessou de ser curiosa, que ela não considera senão com um respeito distante, sem mais procurar nelas o que alimentar seu pensamento ou suas paixões presentes. (Schlumberger: 1963, IX)

De historiador reconhecido no século XIX, principalmente na sua primeira metade, gradativamente Guizot foi desaparecendo do cenário dos estudos históricos, a ponto de, nestes dias que correm, ser mais conhecido através de referências negativas e indiretas do que por seus próprios trabalhos. Atualmente, pode-se dizer que se conhecem de Guizot praticamente três referências, ainda assim, ressalte-se, indiretas, devidas a Marx.

A primeira referência que temos, negativa, deve-se salientar, é o fato de ter sido o ministro que assinou o decreto de expulsão de Marx da França em 1845.⁴ Ministro do Interior na época, Guizot expulsou-o sob a alegação de ser um *revolucionário perigoso*.

Ainda dentro dessa linha de referência negativa, não são de molde a construir uma imagem positiva deste autor as palavras com que Marx e Engels abrem o *Manifesto do Partido Comunista*. Nele, sem dúvida alguma uma das obras mais lidas ao longo da história, Marx e Engels criaram uma imagem que ficou consagrada, a de um *espectro que rondava a Europa*, o comunismo, pondo em polvorosa as

³ Não apenas desconhecido, mas também não editado. Vale a pena ler o que Pierre Rosanvallon escreveu a este respeito em anexo à sua obra *Le moment Guizot*. Neste, intitulado Note sur le destin éditorial de Guizot et de quelques publicistes et historiens de la première moitié du XIXe siècle, o autor observa que os principais escritos políticos de Guizot publicados sob a Restauração e que conheceram grande sucesso na época, com várias reimpressões nos meses seguintes à publicação, nunca mais foram reeditados. São eles: *Des moyens de gouvernement et d'opposition dans l'état actuel de la France* (1821), *De gouvernement de la France depuis la Restauration et du ministère actuel* (1820), *De la démocratie en France* (1849). Mesmo suas obras de história, que conheceram muitas edições durante o século XIX, caíram no que Rosanvallon chama, eufemisticamente, sem dúvida alguma, de “esquecimento editorial”. Rosanvallon, P. *Le moment Guizot*. Paris: Gallimard, 1985, p. 399-402.

⁴ Marx fez menção a esse episódio no prefácio à *Contribuição à crítica da economia política*: “Em Bruxelas, para onde me transferi, em virtude de uma ordem de expulsão imposta pelo sr. Guizot, tive ocasião de prosseguir nos meus estudos de economia política, iniciados em Paris.” Marx, K. e Engels, F. *Textos*. São Paulo: Alfa-Ômega, [s.d.], 3 vs., v. III, p. 301.

² Febvre, L. et al. *Civilisation. Le mot et l'idée*. Paris: Félix Alcan, [s.d.], p. 2.

chamadas classes dominantes. E prosseguem: “*Todas as potências da velha Europa unem-se numa Santa Aliança para conjurá-lo: o papa e o czar, Metternich e Guizot, os radicais da França e os policiais da Alemanha.*” (Marx e Engels: s.d., 21). Temos, pois, o nome de Guizot ligado para sempre ao que havia de mais reacionário na Europa.

A terceira referência, agora positiva, diz respeito ao fato de Marx ter observado, em carta destinada a J. Weydemeyer e datada de 5 de março de 1852, que teriam sido os historiadores franceses, particularmente Thierry e Guizot, que descobriram a luta de classes.⁵ Posteriormente, essa observação foi retomada por Engels e Lenin.

Em pelo menos duas oportunidades Engels referiu-se a Guizot a respeito da sua concepção de história.

A primeira foi no texto *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã*. Neste, ressaltou que, com a simplificação da história, foi possível decifrar o enigma das causas propulsoras da história. Prosseguiu:

Desde a implantação da grande indústria, isto é, desde a paz européia de 1815 pelo menos, que já não era segredo para ninguém, na Inglaterra, que a luta política girava em torno das pretensões de domínio de duas classes: a aristocracia latifundiária (landed aristocracy) e a burguesia (middle classe). Na França, o mesmo fato tornou-se evidente com a volta dos Bourbons; os historiadores do período da Restauração, de Thierry a Guizot, Mignet e Thiers, o proclamam constantemente como o fato que dá a chave para compreender-se a história da França, desde a Idade Média. (Engels: s.d., 110)

A segunda oportunidade foi em uma carta endereçada a H. Starkenburg, de 25 de janeiro de 1894. Tratando da concepção materialista da história e apoiando-se no conceito de necessidade, Engels explicou sua origem, observando que a época de Marx estava madura para descobrir essa concepção, por conseguinte a luta de classes na história:

Ainda que Marx tenha descoberto a concepção materialista da história, Thierry, Mignet, Guizot, todos os historiadores ingleses até 1850, provam no entanto que isso era procurado, e a descoberta da mesma concepção por Morgan prova que a época estava madura para ela e que simplesmente tinha de ser descoberta. (Marx e Engels: 1983, 470)

Em um pequeno trabalho de 1913, mas nem por isso menos importante, as *Tres fuentes y tres partes integrantes del marxismo*, considerado um clássico, Lenin apresentou o marxismo como uma “[...] *continuação direta e imediata das doutrinas dos maiores representantes da filosofia, da economia política e do socialismo*” (Lenin: 1960, 64). O socialismo, uma das fontes da doutrina marxista, somente poderia ter nascido na França, país onde as lutas de classes foram levadas ao seu ponto extremo. E a revelação de que “[...] *a base de todo o desenvolvimento e sua força motriz era a luta de classes [...]*” (Idem, 68) foi feita pelos historiadores franceses.

Também na biografia de Marx, que escreveu em 1913, Lenin observou que, desde a revolução francesa de 1789, a história da Europa colocava de manifesto, nos distintos países, o que denominou de “[...] *a verdadeira causa dos acontecimentos [...]*”, ou seja, a luta de classes. Continuou:

Já a época da restauração deu a conhecer na França alguns historiadores (Thierry, Guizot, Mignet, Thiers) que, ao sintetizarem os acontecimentos, não puderam menos de ver na luta de classes a chave para a compreensão de toda a história francesa. (Idem, 35)

Assim, apesar de Marx, Engels e Lenin terem advertido para a importância dos historiadores franceses para a compreensão da história, o fato é que, por serem considerados burgueses, acabaram por cair no mais completo esquecimento. E, nos dias de hoje, na medida em que o próprio marxismo está se convertendo em história, corremos o risco de não ter sequer as referências indiretas dos historiadores franceses da primeira metade do século XIX.

François Furet defendeu a idéia de que prevaleceram nas opiniões acerca de Guizot historiador sua carreira e posição política. Acredita que durante muito tempo foi um dos grandes desconhecidos da história da França por ter feito duas carreiras ao mesmo tempo: política e literária. O malogro da primeira teria eclipsado o brilho da segunda. Completou: “*O vencido de Fevereiro de 1848 enterrou no esquecimento não apenas o escritor político da Restauração, mas o grande historiador da França e da Inglaterra que ele foi toda sua vida*” (Furet: 1991, 7).

Marina Valensise, na introdução do livro que reúne as contribuições do colóquio sobre Guizot realizado em 1989, observa igualmente que “*vencido na política, Guizot foi durante muito tempo um esquecido na história.*” (Valensise: 1991, 12). Associa a retomada do interesse pela obra deste historiador à derrocada

⁵ Nessa carta, Marx mencionou também John Wade e David Ricardo. Este último dispensa apresentação. O primeiro, de origem inglesa, era economista e historiador, autor de uma obra intitulada *History of the middle and working Class*, publicada em 1833. O trecho completo da carta é o seguinte: “Enfim, se eu fosse você, eu observaria aos senhores democratas em geral que eles fariam melhor se primeiro se familiarizassem com a literatura burguesa antes de se permitir ladrar contra aquilo que é seu oposto. Estes senhores deveriam estudar, por exemplo, as obras de Thierry, Guizot, John Wade, etc., e adquirir algumas luzes sobre ‘a história das classes’ no passado. Eles deveriam se familiarizar com os rudimentos da economia política, antes de pretender se entregar à crítica da economia política. [...]” Marx, K. Carta: Marx a J. Weydemeyer. 5 mars 1852. In: *Correspondence Marx-Engels. Letters sur “Le capital”*. Paris: Éditions Sociales, 1964, p. 58-59, grifado no original.

De acordo com Rosanvallon, Marx teria lido as histórias das civilizações na França e na Europa de Guizot entre 1843 e 1845. Cf. Rosanvallon, P. Présentation. In: Guizot, F. *Histoire de la civilisation en Europe*. Paris: Hachette, 1985, p. 35.

do socialismo e à dissolução do marxismo, a seu ver, a última filosofia moderna da história. Isso teria obrigado os homens a se preocuparem novamente com a própria filosofia da história. Mas, para ela, há, no fundo, um ponto de contato entre o marxismo e a filosofia da história de Guizot: “No fundo, o marxismo não é senão uma forma da mesma filosofia da história: ele investiu uma nova classe, o proletariado, do mesmo teleologismo voluntarista do qual são portadoras as classes médias segundo Guizot, que vê no seu triunfo a finalização da história da humanidade” (Idem, 14).

Também Pierre Rosanvallon, em prefácio à *Histoire de la civilisation en Europe*, de Guizot, destacou o esquecimento a que foi relegado aquele que considera um dos historiadores e teóricos políticos mais prolíficos e importantes do século XIX. Observa que o célebre fragmento “Enriquecei-vos” bastou para resumir o personagem na maior parte das memórias, permanecendo apenas como o vago símbolo do *negocismo* triunfante, da mediocridade das ambições e da cegueira política que caracterizariam, em grandes traços, a Monarquia de Julho. Concluiu ressaltando que a enorme obra impressa de Guizot (mais de cinquenta volumes) não é mais lida. Para ele, a austeridade do personagem, sua inflexibilidade, as múltiplas antipatias que polarizou contribuíram certamente para o seu esquecimento. Odiado pela esquerda e proscrito pela sua própria classe, Guizot não possuiria nenhum dos elementos costumeiros que condicionam a passagem positiva de alguém para a posteridade.

Entretanto, para Rosanvallon, esse esquecimento poderia ser considerado de outra perspectiva. Essa não é, nem um pouco, lisonjeira para com os historiadores contemporâneos: tudo se passa como se o homem e a obra devessem se apagar atrás de um determinismo sociológico (a ascensão da burguesia) e econômico (o desenvolvimento do capitalismo). Um e outra são olhados como se não tivessem sido senão o simples reflexo desses acontecimentos. Esse esquecimento teria, portanto, uma espécie de *estatuto teórico* (Rosanvallon: 1985, 11-2). No entanto, qualquer que tenha sido o motivo do esquecimento a que foi relegado Guizot, seja a circunstância de ter sido politicamente derrotado, seja a circunstância do seu nome estar associado a uma política conservadora, o fato é que a historiografia não poderia tê-lo ignorado pelo papel que desempenhou no desenvolvimento da ciência histórica.

Acreditamos que os próprios historiadores contribuíram bastante para que Guizot fosse relegado ao esquecimento. Não é improvável que Albert Soboul tenha sido um dos autores que mais contribuiu para envolvê-lo, assim como outros historiadores do início do século XIX, em uma névoa de esquecimento. Soboul inicia sua obra sobre a Revolução francesa observando que esse

acontecimento coroou uma longa evolução econômica e social, convertendo a burguesia a senhora do mundo. Essa idéia não apenas teria sido proclamada pelos autores burgueses do século XIX, especialmente Guizot, como foi uma das idéias mestras da sua interpretação. Segundo Soboul, “[...] querendo justificar a Constituição pela história [...]”, Guizot teria demonstrado “[...] que a originalidade da sociedade francesa, [...], consistia essencialmente na existência, entre o povo e a aristocracia, de uma poderosa classe burguesa que havia, lentamente, fixado a ideologia e criado os quadros de uma sociedade nova cuja consagração ocorreu em 1789”. Entretanto, observa o historiador francês, Guizot, como Tocqueville e Taine, ainda que estivesse seguro “[...] de que o aparecimento e o desenvolvimento da riqueza mobiliária, das empresas comerciais, depois industriais [...]”, decerto não resistiria “[...] a um estudo preciso das origens econômicas da Revolução ou das classes sociais que a geraram”. Precisando ainda mais, a seu ver, Guizot não poderia “[...] esclarecer o essencial: que a Revolução se explica, em última análise, por uma contradição entre as relações de produção e o caráter das forças produtivas”, como posteriormente teriam feito Marx e Engels (Soboul: 1981, 9). Em última análise, Soboul erigiu o marxismo como parâmetro para analisar e valorizar as demais concepções. Assim, criticou Guizot por este não ter sido marxista.

Mas o esquecimento de Guizot deve-se também ao procedimento sistemático dos historiadores de não citá-lo, ainda que suas formulações se encontrem presentes em suas obras. Assim, a *Histoire de la civilisation française*, título, aliás, diga-se de passagem, bastante parecido com o de Guizot, cuja parte relativa à Idade Média está a cargo de Georges Duby, não traz qualquer referência a Guizot e sequer o cita em sua bibliografia.⁶ Entretanto, quando verificamos a opinião acerca dele entre seus contemporâneos, a situação se modifica. Além dos comentários de Marx e Engels, encontramos menções positivas a seu respeito em outros autores igualmente significativos.

⁶ Duby, G e Mandrou, R. *Histoire de la civilisation française*. Paris: Armand Colin, 1966, 2 vs. Tome premier: Le Moyen Age et le XVIe siècle.

A maioria dos autores contemporâneos que trataram da Idade Média não citaram Guizot nem fizeram comentários a respeito da sua obra e da sua análise dessa época histórica.

Segundo Alan Guerreau, Marc Bloch é o pai dos medievalistas franceses: “A situação actual dos grandes historiadores franceses do século XIX é bem singular: tudo se resume a Michelet, cujo trabalho propriamente histórico quase desaparece, aliás atrás de um grande número de outras considerações. Marc Bloch é hoje o pai de todos os medievalistas franceses, e a *Histoire de France* de Lavissee a fronteira brumosa para além da qual ninguém ousa aventurar-se. Se nos interrogarmos sobre a origem desta ou daquela noção voltar-nos-emos então para a época moderna, e mais particularmente para o século XVIII, um pouco como se iria a antiquário. É evidente que não é preciso insistir para fazer ressaltar a incoerência de uma tal atitude.” Guerreau, A. *O feudalismo*. Um horizonte teórico. Lisboa: Edições 70, [s.d.], p. 51.

Alexis de Tocqueville, por exemplo, que pertenceu a uma geração posterior à de Guizot, foi um dos que assistiram, ainda que de forma irregular, ao seu curso sobre a história da civilização francesa, ministrado desde finais de 1828 até maio de 1830. Em carta a Beaumont, datada de 18 de março de 1829, Tocqueville comentou uma das lições do curso, que lhe pareceu “excelente”:

Eu li através de Louis [de Kergorlay] sua antepenúltima lição de Guizot que me pareceu excelente. Eu lirei a última hoje; sem você, eu não poderia retornar a esse curso após ter perdido completamente o fio, mas, graças a você, eu o tenho sempre. Eu não poderei provavelmente ir sábado ouvir a aula, mas desta vez seu lugar estará reservado; venha almoçar com K. conosco; vocês sairão de lá. (Tocqueville: 1967, 76-7)

Em uma segunda menção, também em uma carta, dessa vez endereçada a Beaumont, de 30 de agosto de 1829, o elogio que Tocqueville fez a Guizot é ainda maior:

Eu fiz poucas coisas, intelectualmente falando, desde nossa separação. Entretanto, entre outras coisas, nós aprendemos este ano a empregar os pequenos momentos e eu coloquei esta ciência em proveito para ler, em primeiro lugar, a maior parte de Guizot. É necessário que nós leíamos isso juntos este inverno, meu caro amigo, é prodigioso como decomposição de idéias e propriedade das palavras, prodigioso, certamente. Esta leitura me deu clarões muito grandes sobre o século IV que me era totalmente desconhecido, e que entretanto tem todo o interesse que pode ter a decomposição de toda a grande máquina romana.⁷

Outros autores expressivos, como Sainte-Beuve e Taine, por exemplo, também tinham Guizot em mais alta conta.

Evidentemente, encontramos exceções na historiografia. André Jardin prestou um tributo a Guizot em sua excelente biografia sobre Tocqueville. Assinala que de tudo o que Tocqueville aprendeu com esse autor (luta de classes, declínio da feudalidade, julgamento sobre as Luzes), o mais importante teria sido “[...] uma história global da civilização [...]”, isto é, uma visão de conjunto da história, conforme atestam as notas que tomou no curso (Jardin: 1984, 81).

Como se isso não bastasse, é suficiente nomear alguns dos principais historiadores e pensadores do século XIX que foram influenciados por Guizot para se ter uma idéia do seu papel e importância na historiografia. Ao ressaltar a considerável influência da sua obra, Rosanvallon cita Tocqueville, Quinet, Fustel de Coulanges e Marx.

Dentre as inúmeras de questões que poderíamos tratar na obra de Guizot, como a da luta de classes, da sua explicação da Revolução francesa, do papel desempenhado pelo cristianismo e pela Igreja na formação da sociedade feudal, escolhemos sua concepção de civilização, por ser aquela que nos permite expor sua concepção universal da história.

Não pretendemos, portanto, apresentar uma definição de civilização, mas somente apontar a maneira como Guizot apresenta sua concepção universal da história ao tratar do conceito de civilização. Vejamos, pois, a concepção de civilização que informou os estudos e a prática política de Guizot.

A Concepção de Civilização em Guizot

Para tratarmos do conceito de civilização em Guizot é preciso levar em conta alguns aspectos importantes.

Primeiro, que, para definir o que entendia por civilização, Guizot não buscou uma definição sucinta.

Segundo, que partiu do senso comum a fim de estabelecer esse conceito, argumentando que, quase sempre, existe, “[...] na aceção usual dos termos os mais gerais, mais verdade do que nas definições em aparência mais precisas e mais rigorosas da ciência. E completa: [...] é o bom senso que dá às palavras seu significado comum e o bom senso é o gênio da humanidade” (Guizot: 1838, 9).

Terceiro, acreditamos, o mais importante, que seu conceito de civilização faz parte da sua luta política. De fato, ele é inseparável das lutas políticas que travou em sua época. Não se trata, pois, de um conceito “científico”, se esse termo nos traz à mente idéias de imparcialidade e objetividade, como se fosse um conceito que pudesse servir para todas as situações e épocas, desvinculado das contingências históricas. Seu conceito de civilização é datado; trata-se de um instrumento político.

Ao traçar uma história da civilização, Guizot procurou, na verdade, fundamentar suas propostas políticas. Atente-se, porém, a uma questão, para não cairmos em uma posição moralista: não se trata de uma instrumentalização da história, a fim de fazer dela um escudeiro da política. Nesse autor, a luta política e o trabalho do historiador encontram-se entrelaçados, fazem parte de um todo.

Encontramos na *Histoire générale de la civilisation en Europe* a formulação, de modo sistemático, do conceito de civilização. É verdade que ele também se encontra presente em outros escritos. Seguiremos sua exposição para tentar compreender o que entendia por civilização e o que pretendia com esse conceito.

Para expor sua concepção de civilização, Guizot nos descreve um certo número de estados ou situações que poderíamos encontrar na sociedade.

⁷ Também estão publicadas nas obras completas de Tocqueville suas notas tomadas no curso de Guizot sobre a civilização francesa. Vide Tocqueville, *Mélanges*. In: *Oeuvres complètes*, op. cit., t. XVI, p. 1989.

Em primeiro, menciona a condição de um povo cuja existência material, em seu conjunto, é bastante boa e felizmente regulada. Sua vida exterior é doce e cômoda, paga pouco imposto e a justiça é bem concedida. Mas, ao mesmo tempo, sua existência intelectual e moral é mantida, com grande cuidado, em um estado de torpor, de inércia. Como exemplo, cita as pequenas repúblicas aristocráticas. Indaga se nesse povo existe civilização. A resposta, evidentemente, é negativa.

Em segundo, fala de um povo cuja existência material é menos doce, menos cômoda, se bem que suportável. Em troca, não negligencia as necessidades morais e intelectuais. As crenças religiosas e morais atingiram certo grau de desenvolvimento. Em contrapartida, tem-se o cuidado de sufocar o princípio da liberdade. A imobilidade é a principal característica da sua vida moral. Nesse caso, cujo exemplo é o das populações da Ásia, a civilização também não existe.

Como terceiro exemplo, descreve-nos um povo onde há um grande desenvolvimento de algumas liberdades políticas. Entretanto, a desordem e a desigualdade são extremas. É o império da força e do acaso. A violência é a característica dominante desse estado social. A Europa já teria conhecido esse estado. Mais uma vez nega a possibilidade de a civilização estar presente.

Como quarto e último exemplo, descreve um povo onde a liberdade de cada indivíduo é muito grande e a desigualdade rara ou passageira. Cada um faz quase tudo o que quer e sua força não difere muito da do vizinho. Entretanto, esse povo conhece poucos interesses gerais, poucas idéias públicas, poucos sentimentos públicos. Em suma, pouca sociedade. Esse seria o estado das tribos selvagens, onde, seguramente, não existe civilização.

Guizot afirma que nessas quatro hipóteses a civilização não está presente. Não está presente pela circunstância de que o primeiro fato que deveria ser compreendido na palavra civilização seria o progresso, o desenvolvimento.⁸ Acrescenta afirmando que o termo civilização

[...] desperta logo a idéia de um povo que caminha, não para mudar de lugar, mas para mudar de estado; de um povo cuja condição se desenvolve e se aperfeiçoa. A idéia do progresso, do desenvolvimento, parece-me ser a idéia fundamental contida sob a palavra de civilização. (Guizot: 1838: 13)

Mas isso é insuficiente. Fica por responder qual é esse progresso, esse desenvolvimento. Afirma o autor que a etimologia parece responder à pergunta de modo claro e satisfatório: é o aperfeiçoamento da vida civil, o desenvolvimento da sociedade propriamente dita, das relações dos homens entre si. No entanto, isso não lhe basta. O sentido natural, usual, do termo civilização não se esgota aí. Existiria algo mais extenso, mais complexo, superior ao puro aperfeiçoamento das relações sociais, da força e do bem-estar social: é o desenvolvimento da vida individual, da vida interior, ou seja, o desenvolvimento do próprio homem, das suas faculdades, dos seus sentimentos e idéias.⁹

Dois fatos estão, então, compreendidos neste grande fato; ele subsiste em duas condições, e se revela em dois sintomas: o desenvolvimento da atividade social e o da atividade individual, o progresso da sociedade e o progresso da humanidade. Em toda parte onde a condição exterior do homem se desenvolve, se vivifica, se aperfeiçoa, em toda parte onde a natureza íntima do homem se manifesta com brilho, com grandeza, nestes dois sinais, e freqüentemente malgrado a profunda imperfeição do estado social, o gênero humano aplaude e proclama a civilização. (Guizot: 1938, 15-6)

Voltando-se para a história propriamente dita, ele observa que, ao se examinar a natureza das grandes crises da civilização, desses fatos que, na opinião de todos, fizeram com que a mesma desse um grande passo, encontramos nelas um ou outro desses dois elementos. O cristianismo é exemplo de uma grande crise da civilização onde verificamos uma mudança no estado interior do homem. Ele teria regenerado o homem moral e intelectualmente. A Revolução francesa, por seu turno, teria mudado a condição exterior do homem: mudou e regenerou a sociedade.

De acordo com ele, percorrendo a história encontramos sempre o mesmo resultado: “[...] vocês não encontrarão nenhum fato importante que, tendo concorrido para o desenvolvimento da civilização, não tenha exercido uma ou outra das duas espécies de influência das quais acabo de falar” (Idem, 17). Pergunta se seria suficiente um desses dois elementos da civilização para constituí-la. Responde que não. Ambos são

⁸ Esse conceito de civilização é atualmente questionado. Para alguns autores, civilização entendida como desenvolvimento é identificada como repressão. O livro de Renato Janine Ribeiro é um exemplo.

Ao comentar a etiqueta nas cortes feudais, esse autor afirma que os modos civilizados são rituais construídos pela ambição de homens que querem o poder. Ribeiro, R.J. *A etiqueta no Antigo Regime*. São Paulo: Brasiliense, 1983. Ver p. 23-4.

Outro exemplo que aponta para essa tendência é o verbete de Le Goff, Idades Míticas. Embora não esteja colocada de forma explícita, a crítica à idéia de civilização como sinônimo de desenvolvimento, sua análise sobre a idade de ouro dos homens, não nos deixam dúvidas sobre essa tendência. Le Goff, J. Idades Míticas. In: *Enciclopédia Einaudi*. Memória - História. Lisboa: Imprensa Nacional, 1984, p. 320-1, v. 1.

⁹ Antes, Mme de Staël tinha formulado uma concepção de civilização bastante próxima a essa. Sua concepção é a de um acontecimento universal. A civilização seria o resultado das longas relações entre os homens. Stael, *De la littérature*. Paris: Flammarion, 1991, p. 163.

necessários, estão tão intimamente ligados, “[...] *que à vista de um, o gênero humano conta com o outro*” (Idem, 19). Mais do que ligados, um produz o outro.

Por fim, aborda a questão definitiva, qual seja a saber qual dos dois elementos da civilização é o meio e qual é o fim:

É para o aperfeiçoamento da sua condição social, para o melhoramento da sua existência na terra, que o homem se desenvolve por completo, suas faculdades, seus sentimentos, suas idéias, todo o seu ser? Ou bem o aperfeiçoamento da sua condição social, os progressos da sociedade, a própria sociedade é apenas o teatro, a ocasião, o móvel do desenvolvimento do indivíduo? Em uma palavra, a sociedade é feita para servir o indivíduo ou o indivíduo para servir a sociedade? (Idem, 22)

Para responder a essa questão, cita Royer-Collard. Segundo este, a sociedade não conteria o homem completamente – os homens teriam um outro destino que o dos Estados. As sociedades humanas nascem, vivem e morrem na Terra. Nela realizam seu destino. Os homens, por seu turno, são seres dotados de altas faculdades, que transcendem sua morte, fazendo deles seres imortais. Eles não se contentariam em levar uma vida puramente animal – nascer, viver e morrer.

Tendo mostrado o que entendia por civilização, isto é, uma situação em que o desenvolvimento social e o individual encontram-se presentes, Guizot expôs o objetivo da *Histoire générale de la civilisation en Europe*. Afirma que se poderia tratar a história da civilização de duas maneiras. O historiador poderia colocar-se no seio da alma humana ou no meio da cena do mundo; descrever as vicissitudes das idéias ou as mudanças do estado social. Essas duas porções da história da civilização encontram-se estreitamente ligadas: são o reflexo, a imagem, uma da outra. Entretanto, podem ser consideradas separadamente. E, ao menos no começo, o devem ser, para que ambas possam ser tratadas com detalhe e clareza.

Guizot propõe-se ocupar da “[...] *história dos acontecimentos exteriores do mundo visível e social* [...]” (Idem, 24). Propõe-se tratar da história do estado social. Como havia salientado no início da sua primeira lição, nessas lições pretendia traçar “[...] *um quadro geral da história moderna da Europa, considerada sob a relação do desenvolvimento da civilização, um golpe de vista geral na história da civilização européia, de suas origens, de sua marcha, de seu fim, de seu caráter* [...]” (Idem, 3). Antes, quando comentamos os aspectos gerais da sua concepção de civilização, salientamos que esta era inseparável da sua luta política. Esse vínculo fica explícito quando ele compara a civilização européia com as antigas. Mostra-nos que, enquanto nas antigas havia dominado um único princípio, estabelecendo-se, em consequência, um sistema de governo despótico, na civilização

moderna, na européia, teriam prevalecido as mais distintas instituições, o que permitiu o estabelecimento da liberdade. Esta era o resultado da luta e do equilíbrio entre diversas forças. A coexistência das diferenças deu ensejo às lutas e às mudanças.

Sob esse aspecto, ressalte-se que a questão da conservação das diferentes instituições é importante na sua concepção de civilização moderna. Deve-se notar que tinha da luta uma concepção positiva, como a criadora da liberdade. A Europa moderna, a civilização, era o resultado da luta e da coexistência de três elementos do mundo feudal, a saber: o feudalismo, as comunas e a realeza.

Como observou Rosanvallon, ao fazer da *civilização* o objeto central do *métier* do historiador, Guizot teria operado uma revolução na maneira de se compreender a história: teria lhe dado um *sentido*. O conceito de civilização teria adquirido, desse modo, uma nova dimensão. Não refletiria apenas a idéia de um aperfeiçoamento nas leis e costumes e um desenvolvimento da sociabilidade e do bem-estar. Designava também um sistema de valores e um processo histórico. Em consequência, a civilização era compreendida como o *princípio* e a *síntese* do desenvolvimento social e do desenvolvimento moral da humanidade (Rosanvallon: 1985, 30-1). Dessa maneira, podemos estabelecer um vínculo imediato entre sua concepção de civilização e sua luta política. Ao defender a necessidade da existência das diferentes forças na sociedade, ao colocar que residiria no convívio destas a existência do progresso, do desenvolvimento, da civilização, ele defendia igualmente o estabelecimento de um governo representativo. No seu entender, ao representar os interesses dos setores mais “avançados” da sociedade e, concomitantemente, permitir a convivência desses diferentes segmentos, o governo representativo seria a forma de governo que conservaria o desenvolvimento conjunto dos dois elementos fundamentais da sociedade.

Se nesse autor notamos que as questões que formavam sua idéia de civilização encontravam-se associadas a uma idéia geral de história, das relações sociais, enfim, de uma visão de mundo universal, em outros autores do século XIX nem sempre percebemos esse vínculo.¹⁰ Isso não significa que acreditamos que sua idéia de civilização seja superior às demais. Queremos apenas salientar que nele fica explícito que sua formulação está comprometida com sua luta política.

¹⁰ Sobre essas diferenças, ver: Gobineau, *Essai sur l'inégalité des races humaines*; Buckle, H. *Histoire de la civilisation en Angleterre* e Barrier, *Principes de sociologie. Le mot civilisation*. Esta última obra apresenta considerações sobre a doutrina de Fourier.

Ao compararmos sua idéia de civilização com a de outros autores verificamos que em cada uma delas encontramos uma marca muito precisa, distintiva. De fato, percebemos nestes últimos que suas idéias de civilização têm a marca da especialidade de suas ciências.

A conexão da concepção de civilização de Guizot com sua luta política pode ser verificada na crítica que Gobineau lhe fez. Segundo Febvre, Gobineau definiu, no livro *De l'Inégalité des races humaines*, de 1853, a civilização a partir de uma crítica a Guizot. Não seguiremos os passos dessa crítica, que foi resumida por Febvre. Destacaremos apenas que Gobineau criticou o autor da *Histoire générale de la civilisation en Europe* pelo fato de este não ter excluído das suas formulações as preocupações com as “formas governamentais”. Febvre acrescenta, resumindo a crítica de Gobineau:

Quando se examina de perto suas [de Guizot] idéias, logo se percebe, assegurava ele [Gobineau], que para possuir o direito de pretender à civilização, um povo, [...] deveria <<desfrutar de instituições igualmente moderadoras do poder e da liberdade, e nas quais o desenvolvimento material e o progresso moral se coordenam de tal maneira e não de outra, onde o governo, como a religião, confina-se nos limites traçados com precisão [...]>> (Guizot: 1884, 41-2).

Segundo Febvre, Gobineau concluiu, com alguma malícia, que, de acordo com a concepção de Guizot, a única nação civilizada era a inglesa. Ainda que por vias transversas, Gobineau destacou um dos aspectos fundamentais da obra de Guizot: o fato de que, na sua opinião, a solução dos conflitos na França, assim como o meio para assegurar as conquistas até então obtidas, estavam na monarquia constitucional, da qual a Inglaterra era o exemplo mais completo.

Nesse sentido, para Guizot, a conservação da civilização moderna passava necessariamente pelo estabelecimento de uma forma de governo similar ao da Inglaterra, onde as diferenças das classes se expressariam na própria forma de governo.¹¹ É nesse cenário de luta por uma forma determinada de sociedade - e de governo - que vemos formulada sua idéia de civilização.

Referências bibliográficas

- Dosse, F. *A história em migalhas*: dos “Annales” à “Nova História”. São Paulo: Ensaio; Campinas: Unicamp, 1992.
- Duby, G.; Mandrou, R. *Histoire de la civilisation française*. Paris: Armand Colin, 1966.
- Febvre, L. et al. *Civilisation: le mot et l'idée*. Paris: Félix Alcan, [19--].
- Furet, F. Préface. In: Valensise, M. (org.) *François Guizot et la culture politique de son temps*. Paris: Gallimard, 1991.
- Guerreau, A. *O feudalismo: um horizonte teórico*. Lisboa: Edições 70, [19--].
- Guizot, F. *Histoire générale de la civilisation en Europe, depuis la chute de l'Empire Romain jusqu'à la Révolution Française*. Bruxelles: Langlet, 1838.
- Guizot, F. *Histoire de la civilisation en France depuis de la chute de l'Empire Romain*. Paris: Émile Perrin, 1884.
- Le Goff, J. Idades Míticas. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1984.
- Lenin, V.I. Tres fuentes y tres partes integrantes del marxismo. In: *Obras escogidas*. Moscú. Ediciones en Lenguas Extranjeras, 1960.
- Jardin, A. *Alexis de Tocqueville*. 1805-1859. Paris: Hachette, 1984.
- Marx, K. Carta: Marx a J. Weydemeyer 5 mars 1852. IN: *Correspondance Marx - Engels*. Paris: Éditions Sociales, 1964.
- Marx, K.; Engels, F. *História*. São Paulo: Ática, 1983.
- Marx, K.; Engels, F. *Textos*. São Paulo: Alfa-Ômega, [19--]. 3v.
- Marx, K.; Engels, F. Manifesto do Partido Comunista. In: *Obras escolhidas*. São Paulo: Alfa-Ômega, [19--]. 3v.
- Ribeiro, R.J. *A etiqueta no Antigo Regime*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- Rosanvallon, P. Présentation. In: Guizot, F. *Histoire de la civilisation en Europe*. Paris: Hachette, 1985.
- Rosanvallon, P. Le Gramsci de la bourgeoisie. In: *Histoire de la civilisation en Europe*. Paris: Hachette, 1985.
- Rosanvallon, P. *Le moment Guizot*. Paris: Gallimard, 1985.
- Schlumberger, J. Préface: les influences féminines dans la vie de François Guizot. In: Guizot, F. *Lettres de ... et de la princesse de Lieven*. Paris: Mercure de France, 1963.
- Soboul, A. *História da Revolução Francesa*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- Stael, Mme de. *De la littérature*. Paris: Flammarion, 1981.
- Tocqueville, A. *Oeuvres complètes*. Paris: Gallimard, 1967.

Received 08 December 1997.

Accepted 26 February 1998.

¹¹ A respeito das comparações entre a situação da Inglaterra e da França, não deixam de ser interessantes os comentários de Rosanvallon acerca das diferenças entre essas duas nações. Uma delas diz respeito ao fato de que, na primeira nação, nunca se colocou como questão a diferença entre indivíduo e cidadão, como veio a ocorrer na França após a Revolução. Para os liberais ingleses, não havia grandes problemas entre liberdade e democracia, como ocorria para os liberais franceses. Rosanvallon, *Le moment Guizot*, op. cit., p. 14.

